



CUNHA, Maria Teresa Santos. **(Des)Arquivar:** arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente. Florianópolis: Rafael Copetti, 2019. 182 p.

Gabriela Cordeiro Santos  
Universidade Católica de Santos  
[gabrielacordeiro44@gmail.com](mailto:gabrielacordeiro44@gmail.com)

Diante de diferentes práticas sobre a preservação de memórias, Maria Teresa Santos Cunha intitula sua mais nova obra de “(Des)Arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente”, empregando o prefixo *des*, referindo-se à ação contrária de *arquivar*. A autora utiliza-se de registros localizados em arquivos pessoais para discorrer sobre documentos da intimidade, em diferentes tempos e espaços.

Maria Teresa Santos Cunha é graduada e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora em Educação/História e Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é docente nos Programas de Pós-graduação em História e Educação da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e atua em pesquisas sobre História da Educação, Cultura Escrita, Arquivos Pessoais e História do Tempo Presente.

O tema da obra relaciona-se a arquivos pessoais apresentando a história de documentos íntimos, que foram guardados e que resistiram ao tempo e ao descarte. São documentos que, antes desconsiderados, hoje, pesquisadores, historiadores e interessados estão revalidando sua importância, sobretudo, por fertilizarem pesquisas sobre a memória e as micro-histórias.

A autora reúne nesse livro estudos realizados durante sua carreira acadêmica, com o intuito de reviver personagens comuns, trazendo documentos que foram esquecidos e/ou guardados em gavetas, caixas, baús e arquivos. As histórias apresentadas no livro se distinguem em espaços e tempos, colocando em evidência os costumes, hábitos e práticas sociais de determinada época.

A obra é dividida em duas partes: a primeira composta por quatro capítulos e a segunda composta por cinco capítulos. A primeira parte diz respeito aos arquivos pessoais, discorrendo sobre os homens de letras, memórias de um aluno, cadernos de um professor e arquivos pessoais.

Nas primeiras páginas a autora apresenta um panorama dos irmãos Boiteux em Florianópolis e sobre seu acervo doado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, em agosto de 1989. Além de apresentar uma breve discussão teórica sobre acervos e arquivos, a autora traz anotações de Lucas Alexandre Boiteux, enquanto este estudava na Escola Naval (Ilha das



Cobras, Rio de Janeiro), assim como seus registros publicados no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro), evidenciando suas memórias na escola, problematizando-as em diversos pontos relevantes no campo da História da Educação. Além disso, Cunha (2019) trata sobre os inúmeros documentos encontrados em arquivos, questionando as configurações desses acervos pessoais e suas utilidades nos espaços públicos, trazendo discussões sobre as práticas de arquivamento, e algumas questões sobre registro digital, apresentando ao leitor o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH), localizado em Florianópolis, Santa Catarina<sup>1</sup>.

Nas páginas seguintes, a autora disponibiliza cerca de 28 imagens, contendo diários escolares, diários pessoais, cartas e cadernos de planejamento. Estes materiais são utilizados na elaboração dos capítulos, em que são encontradas inúmeras referências.

A segunda parte do livro discorre sobre os documentos da intimidade: cartas, diários, álbuns e cadernos, enfatizando os ego-documentos: documentos que têm como objetivo guardar a si próprios, registrando experiências pessoais, expressando intimidades, personalidades etc. Para tal, Cunha (2019) inicia com discussão acerca da utilização das fontes pelo historiador ao ponderar como tais fontes carregam indícios que podem contribuir na compreensão de maneiras e costumes de outros tempos. Os diários são evidenciados como prática de escrita, ao trazerem memórias de pessoas comuns e acontecimentos variados de uma época, como como a música, a escola, o trabalho, a moda e a política.

Algumas considerações podem ser apresentadas: tratando-se de um livro sobre arquivos pessoais e ego-documentos, a autora na apresentação poderia desenvolver mais sobre estes temas e trazer discussões teóricas sobre o assunto, a fim de subsidiar, em especial, pesquisadores e interessados iniciantes na área. Entretanto, por se tratarem de pesquisas tendo muitas vezes os mesmos protagonistas, o assunto torna-se reiterado, seguindo um mesmo modelo.

Quanto ao texto, é notável a preocupação da autora sobre a memória, trazendo através das histórias de homens e mulheres comuns o contexto histórico e social brasileiro, além de explicitar corriqueiramente a função do historiador na sociedade quando se depara com esses tipos de documentos, apontando quais seriam suas utilidades.

---

<sup>1</sup> O Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDHC), está vinculado ao Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. É um centro de documentação que, além de trabalhar e tratar documentos, procura ser um local para estimular e desenvolver pesquisas (CUNHA, 2019, p. 68-69).



O livro está imbuído de personagens, através dos quais podemos adentrar contextos históricos e sociais de épocas distintas. É nessa relação, arquivos, história e memória que, a autora (des)arquiva histórias encontradas nesses registros, demonstrando grande conhecimento sobre o assunto. O trabalho é relevante e traz contribuições consistentes para a área: no livro se evidencia a importância da preservação desses documentos, contendo o registro de inúmeras histórias. Na leitura do livro, abordagem e discussão passam a ser pontos cruciais para instigar pesquisadores interessados na temática.

(Des)arquivar: arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente, é revelar quais foram os anseios, medos, projetos e sentimentos de homens e mulheres comuns; é evidenciar por meio de documentos: diários, cadernetas, cadernos, cartas, acontecimentos da história que estes viveram; é dar vida ao passado por meio de registros guardados, sendo estes interpretados pelos olhos do historiador.

Recomenda-se a leitura do livro a todos aqueles que se interessam pela temática de arquivos pessoais, memória e ego-documentos.

Recebido em: 27 de dezembro de 2019

Aceito em: 29 de dezembro de 2019